

PRODUTOS NATURAIS: UMA ESTRATÉGIA PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL E ECONOMIA CRIATIVA

Autor(res)

Higo José Dalmagro
Cristiane Benevides Pinto Komiyama Ferreira
Rosemary Matias
Alessandro Marco Rosini

Categoria do Trabalho

Pesquisa

Instituição

UNIVERSIDADE ANHANGUERA - UNIDERP

Introdução

A economia criativa (EC) estabelece-se como uma alternativa às formas tradicionais estabelecidas, como os três setores da economia, agricultura, comércio e indústria. De acordo com Howkins (2001), a economia criativa é um processo que utiliza a criação para que as pessoas possam explorar determinado valor econômico, sendo definida pela UNCTAD (2024) como um setor que pode trazer mudanças para a sociedade a partir das suas características de estimular a inovação e a transferência de conhecimento em todos os setores da economia.
A abrangência do campo da EC ainda não é estabelecida em definitivo, logo não há um consenso pela academia e poder público (UNCTAD, 2012; MINC, 2016) quando trata a EC como um setor de políticas públicas. Este trabalho traz uma forma mais abrangente conforme estabelece o setor produtivo, por meio do Mapeamento da Indústria Criativa no Brasil, divulgado pela FIRJAN (2021), conforme figura abaixo. Este mapeamento considera quatro segmentos, consumo, tecnologia, mídias e cultura, e nestes as suas subdivisões de serviços e produtos de capital humano ou de que envolve a propriedade intelectual. Observa-se que em se tratando de setor produtivo, a EC traz no contexto de serviços, negócios e soluções produzidos pelo capital humano, utilizando ou não uma base de tecnologia, mas que envolve inovação e agilidade nos processos para que possa chegar mais rapidamente ao mercado consumidor, neste cenário um dos setores que requer pesquisas está a Bioeconomia e em especial na área de Produtos Naturais que promove a manutenção da biodiversidade e seu uso sustentável.
O Brasil, contemplado com diferentes Biomas, Amazônia, Cerrado, Pantanal, Mata Atlântica, Caatinga e Pampa, possui espécies de plantas com potencial conhecido para fornecer matéria-prima para uma bioeconomia. Muitos produtos da biodiversidade da flora brasileira, seguem cadeias de valor que vem gradativamente estabelecendo, o que requer investigação.

Objetivo

Dado ao potencial econômico do setor e sua abrangência, este trabalho tem o objetivo de trazer a perspectiva do enquadramento da produção, fabricação, armazenamento e distribuição de produtos naturais como um segmento da EC e discute o potencial dos produtos naturais e da bioeconomia como uma estratégia para o desenvolvimento local e da EC.



Material e Métodos

Para o desenvolvimento da pesquisa foram realizadas uma análise qualitativa em uma amostra para identificar suas principais características, problemas, virtudes e gargalos. O estudo exploratório foi realizado por meio de busca de reportagens e artigos de opinião que tratam sobre o potencial dos produtos naturais no campo da economia criativa, uma vez que não foram encontrados artigos que discutam estas temáticas. Para levantamento das empresas foi realizada pesquisa na Classificação Nacional das Atividades Econômicas (CNAE) e se buscou as que se enquadram na produção de produtos naturais e chás, na sequência, foi realizada pesquisa no IBGE e banco de dados da Receita Federal do Brasil (RFB) para levantar o número de empresas pertencentes a cada CNAE no estado de Mato Grosso do Sul. Foi utilizada as bases de dados DATA SEBRAE e ECONODATAS para levantamento da abrangência das empresas.

Resultados e Discussão

O setor da bioeconomia no país data da década de 1970 quando foi criado o Programa Nacional do Álcool (Proálcool), iniciativa que estimulou a produção de etanol tendo como base a cana-de-açúcar. Este é um exemplo macro do potencial econômico dos produtos naturais e sua capacidade de incentivar o desenvolvimento de regiões produtoras, por meio da produção de 654,5 milhões de toneladas de cana-de-açúcar (MAPA, 2021). Por outro lado, a mesma bioeconomia envolve os pequenos produtores rurais trazendo impactos econômicos positivos, como a produção de açaí na Amazônia, quando em 2023 registrou uma colheita de 1,6 milhão de toneladas do fruto, segundo a pesquisa Produção Agrícola Municipal (PAM) realizada pelo IBGE.

De acordo com o Observatório de Conhecimento e Inovação em Bioeconomia da Fundação Getulio Vargas (FGV), o Produto Interno Bruto da Bioeconomia (PIB-Bio), em 2023, chegou a R$2,7 trilhões, correspondendo a 25,3% do PIB nacional. Neste levantamento, são relacionados os setores da agricultura, pecuária, extrativismo vegetal, pesca e aquicultura, alimentos e bebidas, celulose e papel, têxteis, biocombustíveis, produtos do fumo, incluindo indústrias de vestuário, calçados, madeira, farmoquímicos, borracha e plástico, móveis e energia elétrica. Observa-se que trata-se de uma forma geral de relacionar os setores produtivos e a metodologia traz a observação de relacionar inclusive setores que não utilizam uma produção ambientalmente sustentável (FGV, 2023). Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Produto Interno Bruto (PIB) gerado pela economia criativa corresponde a 3,11% do PIB nacional do Brasil (IBGE, 2020), gerando cerca de 7,5 milhões de empregos em mais de 130 mil empresas formalizadas no país (IBGE, 2022). Seria possível trazer o contexto dos produtos da bioeconomia e os produtos naturais para o setor da EC?

Na Tabela 2 vemos a relação dos setores da economia por meio do CNAE domiciliar com potencial para atuar na área de economia criativa. Enquanto na Tabela 1 revela-se o número de empresas que atuam em três segmentos de produtos naturais, com base no CNAE, que totalizam 3330 empresas. Quando visualizamos um número maior de setores que poderiam ser relacionados de origem natural verificamos que podem trazer mais robustez ao setor, tanto da bioeconomia quanto a EC. Nos setores elencados na Tabela 2, trazemos como potencialidades o empreendedorismo criativo e desenvolvimento local, o empoderamento por meio do potencial local, conhecimentos tradicionais e patrimônio cultural.

O desenvolvimento de indústrias baseadas em remédios tradicionais para a saúde, representando o CNAE-21, como produtos fitoterápicos, não apenas enriquece a cultura local, mas também aumenta a competitividade da cidade. Essa abordagem combina sabedoria local com inovação moderna, criando oportunidades econômicas sustentáveis (Zorn, 2022; Rohmah e Fuad, 2023).

Georgescu-Roegen (1971) enfatiza que o conceito de entropia no tocante à economia marca a natureza finita dos



recursos naturais e as repercussões ambientais da atividade econômica. Dessa maneira, argumenta, ainda, que a economia enfrenta limites biofísicos e que a extração de riquezas naturais e a criação de bens e serviços estão sujeitas às leis da termodinâmica. Nesse contexto, o autor dispõe que, em um sistema econômico em evolução, a entropia total deve aumentar mais rapidamente que o Produto Interno Bruto (PIB), pois à medida que a produção cresce, a exploração de recursos naturais cresce ainda mais rapidamente, isto é, aumenta exponencialmente. Assim, é possível compreender que a estrutura do crescimento econômico necessita de constante retirada de recursos naturais, o que, por sua vez, aumenta ainda mais a entropia destacada pelo autor, no sistema econômico.

Nesse panorama, Silva, Pereira e Martins (2018) realçam que emerge a bioeconomia, com a finalidade de trazer evolução para os mais variados setores da economia, como agricultura, indústria de transformação e serviços, buscando fazer com que esses segmentos desenvolvam de maneira eficiente os diversos setores econômicos. Ainda segundo os autores, a bioeconomia tem sido vista como uma oportunidade para a agricultura brasileira utilizar e aprimorar todo o seu potencial de produção de alimentos, fibras, energia e novos produtos (IPEA, 2017).

Ao envolver várias partes interessadas, incluindo empresas e governos locais, as comunidades podem desenvolver estratégias que melhorem o acesso ao mercado e promovam produtos locais, somando a inovação e a criatividade por meio do empreendedorismo criativo.

Conclusão

Neste contexto, defende-se que a bioeconomia e os produtos naturais, tendo suas características de inovação tecnológica, baseada nos recursos naturais, além de promover os princípios de sustentabilidade, possa ser denominado produto de EC, nos segmentos de tecnologia, subcategoria biotecnologia, contribuindo assim para a construção do PIB brasileiro da EC.

Agência de Fomento

CAPES-Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

Referências

CECHIN, D. A.; VEIGA, J. E. A economia ecológica e evolucionária de Georgescu-Roegen. Revista de Economia Política, v. 30, n. 3), p. 438454, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rep/a/9kg74rTdHZSLbBrdgRtX53Q/>. Acesso em: 11 set. 2024.

FIRJAN. Mapeamento da Economia Criativa no Brasil (Mapping of the Creative Industry in Brazil 2013-2015). Rio de Janeiro: Federação das Indústrias do Rio de Janeiro, 2016.

_____ . Mapeamento da Economia Criativa no Brasil. Rio de Janeiro: Federação das Indústrias do Rio de Janeiro, 2021

GEORGESCU-ROEGEN, N. The Entropy Law and the Economic Process. Cambridge, MA: Harvard University Press. 1971.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Brasil 2035: cenários para o desenvolvimento. Brasília: IPEA/IBGE, 2017.



MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO (MAPA). Exportações Brasileiras de Açúcar - Comércio Exterior Brasuleiuro. Brasília: MAPA 2021.

MINISTÉRIO DA CULTURA (MINC). Desenvolvimento do Programa Nacional de Economia da Cultura (Final Report - Development of the National Program for the Economy of Culture). Brasília: MINC, 2016.

ROHMAH, N.; FUAD, Z. Pemberdayaan Masyarakat Berbasis Potensi Lokal melalui Epolik. Communautaire: Journal of Community Service, v. 2, n. 1, p. 40-47, 2023.

SILVA, M. F. O.; PEREIRA, F. S.; MARTINS, J.V. P. A Bioeconomia Brasileira em Números. Brasília: BNDES Setorial, n. 47, p. 277-332, 2018.

UNCTAD. Relatório de economia criativa 2010: economia criativa uma opção de desenvolvimento. São Paulo: Itaú Cultural, 2012.